



O SABER FAZER COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA INTERFACE COM A PESQUISA ANTROPOLÓGICA

Gleidson de Oliveira Moreira¹(PPGAS/UFG)

GT 01 - INTER E TRANSDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO

RESUMO

Esse artigo é resultado de uma experiência de campo realizada na cidade de Goiás em dezembro de 2017. O objetivo é investigar como alguns episódios observados e registrados da vida social daquela comunidade estiveram pautados num *modus operandi* dos saberes e fazeres como prática pedagógica. Prática que não limita o conceito de pedagógico ao sentido acadêmico. Para tanto, a metodologia pautou-se pela oralidade do saber-fazer das ex-lavadeiras da cidade de Goiás. É na dimensão do sensível da vida social que experiências humanas materializam e transbordam sentidos, por isso, ampliar o entendimento científico dos saberes fazeres como aporte da antropologia, não restringe o conceito de pedagógico à mera ideia de transferência de experiências, por isso o resultado esperado nessa pesquisa é a publicação em revista dessas impressões mediadas por interfaces das ciências da pedagogia e da antropologia cujo entendimento das dinâmicas operadas no aprendizado do saber fazer, inscreve o humano na dimensão de sua grandeza ontológica.

Palavras-chave: Antropologia. Pedagogia. Saber fazer. Ofício. Lavadeiras.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG).

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa de campo realizado na cidade de Goiás-GO em dezembro de 2017. Elegemos como tema, o ofício das ex-lavadeiras dos córregos e Rio Vermelho da cidade de Goiás, trabalho embora imprescindível à sociedade, gerou sobre as lavadeiras uma visão negativa e depreciativa por serem, em grande maioria, negras, mestiças, viúvas, pobres e analfabetas. Para efeito de investigação deste paradoxo, tomamos como referência bibliográfica Tim Ingold (2012), Marisa Peirano (2014), Manuel Ferreira Lima Filho (2015), Martin Heidegger (2012) e Manuel Fernandes de Souza Neto (2005).

Objetivamos a partir das questões ontológica e fenomenológica, referenciadas por esses autores, entender a construção do processo de estigmatização social na dimensão dos domínios técnicos da lavagem de roupas, o que nos provocou investigar um segundo aspecto, a elaboração de saberes e fazeres mimetizados entre si, e, por fim, compreender como a eficácia da lavagem opera através do domínio de conhecimentos aplicados às técnicas que dominavam. Para alcançar tal intento, adotamos como recurso metodológico a oralidade.

OS SABERES FAZERES COMO *MIMESIS* NO OFÍCIO DE EX-LAVADEIRAS DA CIDADE DE GOIÁS

Este texto é uma reflexão inicial decorrente de observações feitas ao longo do tempo em que estive envolvido com o tema das lavadeiras da cidade de Goiás-GO sob a perspectiva do ofício, uma prática pedagógica aludida à interface com a pesquisa antropológica.

Nesse sentido, observo que embora cada ciência (Pedagogia e Antropologia), constitua uma área autônoma do conhecimento, com métodos e conceitos próprios, sua convergência direciona-se para a mesma preocupação, as experiências veiculadas ao humano. O que interessa aqui, portanto, é entender o ofício das lavadeiras dos córregos e do Rio Vermelho da cidade de Goiás a partir da categoria saber-fazer, um aprendizado adquirido mimeticamente e transmitido por mulheres inauditas, que fizeram dos espaços ribeirinhos sua casa, locais em que desenvolveram habilidades e técnicas que resultaram em pura eficácia e primor na arte de lavar e dar sentido ao mundo.



A palavra *ofício* deriva de *officiu* que no latim significa dever, naquele sentido de cumprir com dada obrigação e a partir de um ritual determinado (FERREIRA, 1986). Entre nós, o dever da palavra *ofício* representa certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais (NETO, 2005)

O exercício de qualquer *ofício*, nesse sentido, pressupõe que o seu realizador domine os processos que lhe são inerentes e seja capaz de executá-los de maneira a observar como cada momento, cada detalhe por diminuto que seja, cada gesto ainda que automático, resulta de uma unidade em que os fragmentos só justificam sua existência por fazerem parte do todo.

Abordar a temática das lavadeiras da cidade de Goiás é retomar no *ofício*, que não existe mais², os procedimentos técnicos apreendidos e transmitidos sobre a lavagem de roupas, atividade embora, imprescindível à sociedade, gerou estigmas e preconceitos ao gênero, aspecto que será retomado no decorrer deste texto.

Pautado nos relatos de lembranças para análises das memórias e obtenção das técnicas de saberes e fazeres, pesquisa indispensável à etnografia³, o *ofício* de lavadeira assim como o de sapateiro, amolador de facas e seleiro decorrem de um dado ritual. Requer oficinas, lugares onde se devem encontrar os artefatos para o trabalho – a matéria-prima que se manipulará, as ferramentas de que se disporá para a tarefa, os espaços em que o corpo se flexionará, assumindo várias formas para o uso da força e da delicadeza em diferentes medidas (NETO, 2005).

Sendo a oficina o templo em que os rituais de um dado *ofício* se realizam, poder-se-ia dizer que certos fazeres e saberes estão sempre situados entre a objetividade e a subjetividade humana. Ao dizer situados, pressupõe-se a perspectiva de um lugar (onde), a partir desse processo que inclui rituais constitutivos de coisas e ideias, instituem-se regras, códigos, relações que identifiquem naqueles que fazem a oficina funcionar, os sujeitos que são feitos pelo *ofício* que executam.

²Em decorrência da poluição dos córregos e rio Vermelho da cidade de Goiás, e o advento da máquina de lavar nos anos 1970, o *ofício* das lavadeiras foi sucumbido.

³Tratada pelo saber convencional como metodologia ou prática de pesquisa, o termo etnografia suscita várias discussões. Para a antropóloga Mariza Peirano, autora do artigo: “Etnografia não é método”, está é uma teoria vivida, uma posição teórica para a compreensão de estruturas vitais.



Em outras palavras, a realização de um ofício no interior de uma dada oficina cria, dentre outras coisas, uma identidade entre os indivíduos e os objetos que estes manipulam, as ferramentas que manuseiam, os processos com os quais interagem. E ainda mais, cria uma identidade entre os indivíduos que são parceiros de rituais comuns, realizadores de um dado ofício e situados no ambiente da mesma oficina.

Consideradas oficinas das lavadeiras, os córregos e o Rio Vermelho localizados na cidade de Goiás-GO, constituíram a referência de pertencimento (uso, forma e exercício) de mulheres que exerceram sua prática de lavagem de roupas. As lavadeiras eram atoras imprescindíveis no processo de assepsia da sujeira social. Estas garantiam aos grupos distintos da sociedade vilaboense o status social, a partir do cheiro, da boa aparência e da higienização pessoal.

O ofício de lavadeiras correspondia ao domínio de técnicas que iam do ensaboar, ferventar, quilar, bater, enxaguar, torcer e secar, até as habilidades do fazer sabão de bola (conhecimento internalizado de forma espontânea e transmitido geracionalmente). A arte da lavagem de roupas não era domínio individualizado, era um legado coletivo, era uma práxis realizada em razão da necessidade paradoxal entre a patroa e a lavadeira. Desse modo, o labor nos córregos e rio “aprisionavam” avós, mães, tias, filhas, netas, sobrinhas e afilhadas; o que antes era considerado como a oficina transformava-se em “cadeia”.

As mulheres lavadeiras, mesmo desempenhando um trabalho imprescindível à sociedade, não estavam isentas de opiniões depreciativas. Primeiro porque se eram mulheres eram responsáveis por ofícios domésticos; segundo porque estando ligadas à condição de lavadeiras, o ofício portava características sociais que reforçava o estigma de quem a ele estivesse relacionado: negras, mestiças, viúvas, pobres e analfabetas⁴.

Para maior acuidade no trato entre gênero e ofício, um tema tão complexo e delicado, talvez seja importante levar em conta que todo o processo de depreciação social circunscreve-se em dada arena de poderes.

Ao associar o lugar de origem social à função desempenhada pelo gênero, a elite vilaboense controlava o outro através de ofícios e serviços prestados. A evidência desse controle estava na atitude das patroas em escolher, selecionar e indicar as lavadeiras de uma

⁴ É necessário esclarecer que a ideia contida nesse parágrafo, representa a concepção da sociedade do contexto da época (1830-1970), e não expressamente a opinião do autor.



família a outros grupos, estratégia de coalisão entre as elites cujo status garantia privilégio compartilhado em prestígio, o que influenciava a opinião das lavadeiras de nunca lhe faltar serviço e de falar bem das patroas.

Se por um lado a atitude de membros da elite local representou um processocooptadore, por conseguinte, ordenadordas lavadeiras no mundo social, essa atitude de subalternização a que estiveram submetidas também sinalizapara o risco de empoderamento das lavadeiras. Talvez por isso submetera lavadeira à subalternidade, a dependência financeira, pagando o que quisessem e não o que valia o trabalhoconstituiu uma estratégia da elite para mantê-las controladas sobum processo de dominação. Uma associação inconsciente das lavadeiras pelo controle tendencioso da elite quanto à manutenção do seu lugar social a partir do seu projeto de afirmação social.

Outro aspecto relevante ao pensar o ofício das lavadeiras é a associação como o seu arsenal de objetos (o sabão de bola, o sabugo de milho usado como escova e as ervas para alvejar e dar cheiro) e as relações estabelecidas nos “aguadouros” não inspiraram registros escritos. Afinal, esteve em seu tempo dentro de uma sociedade ligada a uma coisa fascinante que é a palavra escrita, a cidade declamada pela poetisa Cora Coralina (2001, p.79) “Rio Vermelho, meu avozinho, dá sua bença pra mim”.

Poderíamos dizer que dessa mesma argila básica da linguagem, composta de muitas grafias, arrumada de forma variada, dita de maneira diversa, escrita em línguas que sequer muitos de nós conhecemos – a palavra foi, e é e será, essa matéria bruta que o pensamento ao mesmo tempo cria e recria para continuar dando as formas a partir das quais nomeiam e pensam o mundo. Logo, todas as profissões que em torno da palavra escrita existiram, de algum modo, a evocam para situá-la no interior de um tempo e para falar da sociedade. (NETO, 2005)

Foi nesse contexto que as lavadeiras da cidade de Goiás puderam existir, depois do domínio do corpo, corpo que a partir de então começou a brincar com os muitos sentidos do que carregavaem suas próprias necessidades de sobrevivência. Subsistir de modo instantâneoas urgências do corpo era priorizar a força dos braços para o sustento da vida.

O cheiro de roupas limpas e alvas anunciava quem as usava, quem as tocava e quem as manipulava. O tempo de ensaboar, ferventar, quorar, enxaguar, torcer,secar e engomar definia



a hierarquia social oriunda. Associada ao bailar de várias mãos, a água arrastava a sujeira, o odor e as manchas morais das elites locais.

Por isso o ofício é antes de tudo um dever e exige certa disciplina, uma dose de trabalho, ao ponto de se esperar que o profissional seja melhor que o amador, porque não faz apenas uma vez ou outra, quando deseja ou quando lhe convém. Por ofício temos a obrigação de fazer o melhor que pudermos, aquilo que nos identifica como profissional em uma determinada área. Assim não o fosse, imaginaríamos os riscos em desbotarem um tecido ou de não extrair um encardido com eficácia. É o que diz uma ex-lavadeira:

- Seria descontado o valor da peça.

Por isso tudo a profissão que ocupa um lugar social e histórico é derivada também de um acordo ético, quer dizer, a sociedade não pode permitir que certas profissões sejam exercidas por pessoas que não possuam certos valores para desenvolvê-las. Poderíamos aqui imaginar inúmeros: um músico plagiador, um psicólogo fofoqueiro, um ginecologista tarado.

Não é que esses profissionais não existam, mas como já foi dito os ofícios exigem que haja certos códigos e rituais comuns, a partir dos quais se constituam juízos de valor moral e se estabelece aquilo que é bom ou ruim para todos e para cada um. Não por acaso as profissões têm um conselho e estes conselhos possuem comissões de ética que podem cassar o direito de algumas pessoas de exercerem certas atividades – quer dizer, não basta um saber-fazer, é preciso também um saber-ser cultural, socialque transborde aquilo no qual o indivíduo esteja situado (MAUSS, 1923).

Para além de tudo isso, poderíamos nos perguntar: o que torna alguém bom naquilo que faz? Quer dizer, o que faz o bom seleiro? O sapateiro que artesanalmente confiava a nossos pés o melhor de si? Bom, estas perguntas só se respondem quando sabemos as razões pelas quais as pessoas escolheram ou foram escolhidas para suas vidas por certos ofícios e suas oficinas, seus rituais, valores e códigos, enfim um dado lugar na sociedade que os torna identificados e os marca para a vida inteira.

A habilidade pelo domínio da técnica é imprescindível para a execução da tarefa. Se para o professor a escola é a oficina de trabalho por excelência, foi o lugar por onde passou a totalidade dos profissionais de curso superior nesse país e no resto do mundo durante pelo menos o último século. Os professores que atuaram nessa oficina quase completamente *fordista*, que foi a escola do século XX, formaram médicos, psicanalistas, padres, advogados,

Anais da VII Semana de Integração

ISSN: 2359-7038

Inhumas: UEG, 2018, p. 18 - 26



biólogos, técnicos. Mas não só os de curso superior passaram pela escola – qual o professor que nunca encontrou um de seus ex-alunos ou ex-alunas no caixa do banco, na máquina registradora do supermercado, no balcão da farmácia, como garçom em algum restaurante?

Pode-se dizer que a maior parte das pessoas que nos últimos cem anos aprendeu a ler, escrever e contar passou pela escola, que foi assistida por um desses profissionais cujo ofício é ensinar. Mas e os que aprenderam na prática sem frequentar a escola? Como os saberes-fazer desses sujeitos foram elaborados?

Pensando pelo viés de que o aprendizado não opera apenas por meio da educação formal e bancária, pode-se dizer que a necessidade para resolver problemas de ordem imediata chama a responsabilidade para a criação e aprimoramento de técnicas incorporadas e transmitidas espontaneamente. Ademais, poderíamos dizer que se a profissão de professor é a que mais tem crescido nesses anos ora considerados como os da sociedade do conhecimento, esse perfil teórico tem pouca correspondência com as informações práticas da realidade dos ofícios em extinção. Que discussões acerca da reformulação ou inclusão dos temas de ofícios extintos ou em eminência em desaparecer ocupam a atenção nos atuais currículos e programas educacionais?

Tal como o centro da insatisfação do ofício de ser professor passa pelos salários que remuneram mal a profissão, esse olhar de desqualificação não se distancia daquele que estigmatizou o ofício de lavadeira. A elaboração da categoria ofício é forjada pela eficácia de resultados políticos obtidos mediante o reconhecimento do sentido do ofício para professor, o que não aconteceu com o sentido dado aos ofícios que se extinguem.

O olhar depreciativo do ofício de lavadeira proporcionou certa desidentificação com o que se fazia e gerava, não raro, a elaboração de uma identidade negativa. Na desidentificação o processo é de estranhamento, posto que as pessoas ao não se verem no que faziam, não o faziam como sendo coisa sua, mas para o patrão. Na elaboração de uma identidade negativa gesta-se um auto preconceito vitimador, como se ser lavadeira fosse a última maneira de garantir uma sobrevivência indigna, uma não reação a esse discurso naturalizador da depreciação de si, um processo de alteridade no qual o eu se anulou antes dos impactos de ações do outro.

O fato é que a sociedade continua a precisar do ofício de professores nas mais distintas áreas do conhecimento, sem o que os empregos que ocupam sequer existiriam. O ofício das



lavadeiras, também imprescindíveis à sociedade, se perdeu na grande envergadura da noção do eu político quando se viam apenas como trabalhadoras compromissadas apenas com o que faziam e não consigo mesma, uma questão de se perceber no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a dimensão do sensível da vida social está inscrito nas experiências humanas que materializam e transbordam sentidos, o entendimento científico dos saberes fazeres como aporte da antropologia, não restringe o conceito de pedagógico à mera ideia de transferência de experiências, por isso a contribuição esperada nesse artigo é uma discussão política dos estigmas sociais acerca das lavadeiras, resultado a ser publicado em revista, impressões mediadas por interfaces das ciências da pedagogia e da antropologia cujo entendimento das dinâmicas operadas no aprendizado do saber fazer, inscreve o humano na dimensão de sua grandeza ontológica.

REFERÊNCIA

ALVES, Rubem. **O poeta. O guerreiro. O profeta**. 2. ed. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

CORALINA, Cora. **O tesouro da casa velha**. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.

_____. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 20. ed. São Paulo: Global, 2001.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HEIDEGGER, Martin. **Os problemas Fundamentais da Fenomenologia**. Rio de Janeiro. Vozes, 2012.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**. Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

PEIRANO, Marisa. **Etnografia não é método**. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n 42, p 377-391, jul./dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>



MAUSS, Marcel & HUBERT, Henri (2003 [1903]). Esboço de uma teoria geral da magia. In: **Antropologia e Sociologia** da USP, v.19, n.1, p.123-308.

LIMA FILHO, M. F.; SILVEIRA, F. L. A. da. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. Ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun, 2015.

NETO, Manuel Fernandes de Souza. **Caderno Cedes**. Campinas-São Paulo, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005.